

editorial
editorial

entrevista
interview

ágora
agora

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projeto
project

expediente
credits

próxima v!rus
next v!rus

TAPETE
CARPET

AMÉRICA LATINA EM GESTOS
LATIN AMERICA IN GESTURES
SAMIRA PROÊZA

V!22

REVISTA V!RUS
V!RUS JOURNAL

issn 2175-974x
julho . july 2021



Samira de Sousa Proêza é arquiteta e urbanista, mestre em urbanismo e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo, na Universidade Federal da Bahia. Sua pesquisa explora fluxos entre Argentina e Brasil, relacionando-se com pesquisas e trabalhos artísticos sobre processos anticoloniais na América Latina. ssproeza@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4544432939770445>

PT | EN

Como citar esse texto: PROÊZA, S. S. América Latina em gestos. **VIRUS**, São Carlos, n. 22, Semestre 1, julho, 2021. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus22/?sec=5&item=115&lang=pt> Acesso em: dd/mm/aaaa.

ARTIGO SUBMETIDO EM 7 DE MARÇO DE 2021

Resumo

Estas imagens tratam-se de experimentações artístico-fotográficas com a intenção de lidar com a sobreposição de notícias que me afetam, enquanto subjetividade. A América Latina se faz notar em cada uma delas, já que são notícias de meios argentinos, mas que refletem questões que nos unem enquanto continente. Narram acontecimentos que são consequências de um longo período de exploração, mas também de conquistas e processos de resistência. Dessa forma, são imagens que sintetizam rituais de transformação do discurso em sua materialidade, no caso o papel impresso, e que costuram em si duas camadas: uma do fato narrado em notícia, outra dos afetos e sentimentos que são gerados com essa narrativa. A transmutação busca elementos como dobras ou fogo para construir novos sentidos e convida a pensar em novas formas de lidar com o mundo.

Palavras-chave: Transmutação, Narrativas, Experimentação artística, América Latina

1 Transmutação

Estas imagens retratam rituais para lidar com o mundo, mais especificamente com a América Latina, a partir de um corpo feminino latino que vive em trânsito entre Brasil e Argentina. Tratam-se de imagens desdobradas das notícias de meios jornalísticos argentinos. Em suas linhas e entrelinhas, elas contêm narrativas do sistema de opressão colonialista que atua sobre nosso continente e que deixa marcas profundas nas mulheres, pessoas negras, indígenas, refugiados políticos e, além disso, no nosso meio ambiente. São imagens que surgem de recortes de notícias e que refletem um continente em chamas, com diversos conflitos, com disputas de narrativas e com um imaginário que exclui a multiplicidade de existências que compõem a vida cotidiana e que se desdobra na vida urbana.

As imagens também consistem em um exercício experimental-fotográfico de ressignificação dessas notícias a partir das tentativas de expressar, em fotografia, o que esses afetos provocam no corpo. A experimentação pode vir a ser um ritual de luto com a intenção de decantar informações que representam um continente explorado e uma população cheia de cicatrizes e dor. Mas, também pode vir a ser um ritual para emanar energias de comemoração, de força ou de amor para alguns fatos/afetos que vêm como sopro de esperança, escapando à lógica catastrófica colonialista-capitalista que preenche as linhas da maioria dos meios de comunicação. Assim, enquanto ritual de luto ou de respiro, todas as experimentações consistem em tentativas de expressar a intensidade de afetos relacionadas aos processos de exploração e resistência na América Latina que me recorrem — enquanto corpo feminino, enquanto subjetividade e enquanto latinidade.

As imagens também representam um processo de resistir aos constantes e agressivos bombardeios de informação aos quais somos submetidos na nossa vida cotidiana. Existe uma naturalização desses processos, navegamos no meio digital e, dentro de um pequeno intervalo de tempo, lidamos com infinitas questões que nos afetam: propaganda, assassinato, discussões sobre aborto, eleições, guerra em algum país, protestos contidos com agressividade em outro, violência contra as mulheres, violência do Estado contra o povo negro e indígena, movimentos de refugiados, exilados, mortos pela pandemia, dentre diversos outros exemplos de dor. Tudo isso do lado do horóscopo do dia, dicas para conseguir o casamento dos sonhos, receitas *low-carb* ou sem glúten. Vamos passando por toda essas *des.informações* sem tempo para processar, sem tempo para sentir ou decantar, enquanto acumulamos tudo isso no corpo nos enfermando enquanto subjetividade.

Também é importante lembrar que nenhum meio é imparcial, existe uma disputa de narrativas de acordo com os interesses econômicos e políticos de cada notícia e de cada meio. Assim, além de estarmos saturados de informação, ficamos nesse fogo cruzado, nessa guerra de narrativas, com as entrelinhas das notícias completamente carregadas. Para Rivera Cusicanqui (2019, p. 13, tradução nossa¹): “É evidente que em uma situação colonial, 'o não dito' é o que mais significa; as palavras encobrem mais que revelam, e a linguagem simbólica toma a cena”. Além disso, os meios mais vistos, mais lidos, mais divulgados, são os que têm mais recursos e normalmente representam uma narrativa branca e colonialista. Fato que está muito claro nos meios conservadores, mas que também está presente em meios progressistas, já que as notícias que tentam representar uma “minorias”, na maioria das vezes não são contadas por esse grupo, são contadas a partir do olhar da branquitude, que se limita a informações negativas e estereotipadas. A escritora Chimamanda já nos contou sobre o perigo da história única. Segundo ela:

Todas essas histórias fazem-me quem eu sou. Mas insistir somente nessas histórias negativas é superficializar minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que me formaram. A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. (NGOZI ADICHIE, 2019, p. 15)

2 Argentina, fatos e afetos: o contexto do projeto fotográfico

Este exercício foi realizado no final do ano de 2020 enquanto estava morando na Argentina e o país passava por diversas discussões e avanços progressistas ao mesmo tempo em que atravessava a pandemia de COVID-19, que tem sido muito dura com a América Latina. Durante o governo de Alberto Fernandez, muitos assuntos ignorados no governo do presidente anterior, Mauricio Macri, voltaram a ser pauta, tais como: projeto de lei de interrupção Voluntária da Gravidez, que era uma grande demanda das mulheres e que finalmente obteve aprovação; Lei de taxação das grandes fortunas, que também foi aprovado e, na verdade, consiste em um valor pequeno sobre a riqueza dos bilionários da Argentina, mas que representa um passo simbólico na luta da desigualdade social e econômica do continente. Também voltaram a estar em pauta as discussões sobre migração, violência do Estado contra a população originária, e discussões sobre violência de gênero. Ao mesmo tempo em que o país estava sofrendo com queimadas de proporções catastróficas em seu território, que afetavam grandes proporções da vegetação existente e de comunidades que dependiam dessa terra.

Todos esses acontecimentos foram os principais pontos de pauta do país durante o mês de novembro e demonstram que, politicamente, o país vivia um momento muito intenso e significativo. Essas pautas eram tratadas pelos meios de forma polarizada: os que eram completamente contra qualquer medida progressista traziam como notícia informações distorcidas, colunas de opinião completamente fascistas e imagens sensacionalistas, principalmente quando se tratava da campanha antiaborto e contra a taxação das grandes fortunas. Por outro lado, os meios progressistas comemoravam as pautas, mas sem entrar muito em pormenores e sem muita reflexão. Então, o que se via, lendo vários jornais no mesmo dia, eram narrativas completamente opostas, com linhas e entrelinhas extremamente carregadas e com muitos acontecimentos e intensidades que eram difíceis de digerir.

Ao mesmo tempo que o mundo se despedia de Trump, a Bolívia vivia a volta da democracia com as eleições que definiram como presidente Luis Arce, sucessor de Evo Morales, e que permitiu a volta do ex-presidente

para casa (Evo Morales estava exilado na Argentina após ser destituído por um golpe). A Venezuela continuava transbordando migrantes para Argentina e ondas de protestos eclodiam pela América Latina. Todas essas questões estavam marcadas na minha subjetividade causando muito ruído e precisavam de novas maneiras criativas para atravessá-las.

3 Rituais de expressão: método

Dessa forma, com tudo isso em curso, surgiu a necessidade de modificar as notícias na materialidade, como se pudesse, a partir desses gestos, (des)dobrar a realidade. Busquei pelo jornal impresso justo para conectar os fatos a uma materialidade e porque este, menos labiríntico que os meios digitais, permite um pouco mais de tempo para o sentir entre uma notícia e outra. Durante algumas semanas, comprava os jornais *Clarín*, *La Nación* e *Página 12*, que se tratam de meios muito difundidos e que oferecem distintas narrativas sobre um mesmo fato. Ao ler as notícias, separava as que mais me afetavam e depois, por intuição, iniciava o processo de resignificação daquele recorte. A partir do ritual, dos gestos, também resignificava os meus afetos relacionados àquele fato.

A formação do método e o processo se formam juntos. Com o recorte em mãos, havia uma tentativa de entender os sentimentos que aquelas linhas e entrelinhas geravam. Assim, a materialidade da notícia impressa naquele recorte de papel se transformava na matéria prima e, a partir disso, procurava os elementos que fariam produzir múltiplos sentidos naquele recorte. De acordo com Deleuze, "O múltiplo não é só o que tem muitas partes, mas o que é dobrado de muitas maneiras" (DELEUZE, 1991, p. 14). Assim, algumas vezes, o novo sentido aparecia com dobras ou com recortes que invertessem o significado do título, com amarrações, com tinta. Em outros momentos, o *fazer sentido* aparecia a partir do fogo, como um elemento de grande potência transformadora. Por isso, esse elemento foi usado tanto para emanar força e energia a uma notícia que trazia esperança, quanto para tornar cinzas a dor que uma notícia era capaz de trazer. Além desses elementos de transformação, também foram usados ervas, incensos, vidros e diversos outros que fizessem sentido durante os rituais.

Por fim, o processo ritual era fotografado com o intuito de gerar novas imagens que pudessem representar o entrelaçamento entre a camada externa (notícia, fato e formas de narrar) e a camada interna (afetos e sentimentos gerados). Importante destacar que o projeto se cria junto com a formação de um método de transformação de fatos/afetos que vai seguir sendo utilizado como ferramenta artística para lidar com as narrativas midiáticas que nos atravessam. Ou seja, é um projeto que se abre para novas linhas de transformação.

4 Considerações finais: novas linhas de aberturas

Latinoamérica: você está aqui! Impregnada nessas imagens, que surgiram nos meios Argentinos, mas que poderiam ser de muitos lugares, já que as mazelas que nos atravessam são consequências de uma sobreposição de longa data de exploração e de violência em América Latina. Rafael Nahuel foi assassinado na Argentina, atravessado pela sua cor, assim como João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos, Eduardo de Jesus, de 10 anos, Ágatha Félix, de 8 anos, e diversas outras vidas interrompidas nas periferias sociais do Brasil, também atravessadas pela sua cor. O desmatamento, em 2020, na Argentina, em uma escala sem precedentes, e que continuou intenso em 2021, é um sintoma, também gritante no Brasil, do sistema capitalista que está acima das nossas terras, do nosso meio ambiente e de nossas comunidades que vêm sendo massacradas. A desigualdade social, a violência sobre as mulheres, povos indígenas e população negra transita pelo continente de forma cruel e vai deixando rastros de dor.

Algumas imagens, por outro lado, representam processos de conquista e de luta pela democracia. Porque não são as camadas de exploração e dor que definem nosso continente, mas sim os processos de resistência que, como fagulhas, acendem em diversas partes potências de transformação. O fogo neste projeto tem o poder de tornar dor em cinzas, mas também de regenerar e abrir caminhos para outros desejos e outras possibilidades.

Para Rivera Cusicanqui (2019), as imagens têm o poder de construir uma narrativa crítica capaz de desmascarar as distintas formas de colonialismo contemporâneo. Aqui, o fazer imagens também tem o poder de fazer novos sentidos e de se fazer curar. De buscar novas formas de expressão que extrapolem a escrita e se conectem com nossas subjetividades. Esse processo é um método de transmutação fatos/afetos, nas palavras de Peter Pál Pelbart (2011, p. 23): "Nessa economia afetiva, a subjetividade não é efeito ou superestrutura etérea, mas força viva, quantidade social, potência psíquica e política.". E, por isso, esse processo também se trata de um convite para pensar no que nos atravessa e nos faz fluir em novas linhas de abertura e formas de re-existência.

Referências

DELEUZE, G. **A Dobra**: Leibniz e o Barroco. Tradução: ORLANDI, Luiz B. L. São Paulo: Papirus, 1991.

NGOZI ADICHIE, C. **O Perigo da História Única**. Tradução: ROMEU, J. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PÁL PELBART, P. **Vida Capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

RIVERA CUSICANQUI, S. **Ch'ixinakax Utxiwa**: Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

1 Do original em espanhol: "*Es evidente que en una situación colonial, lo "no dicho" es lo que más significa; las palabras encubren más que revelan, y el lenguaje simbólico toma la escena.*"

Lista de gestos

1 Controle

"*Los graves riesgos de tener la escuela tomada por el ideologismo combativo.*" *Jornal La Nación*. 18 de nov. de 2020.

Sobre os riscos da educação crítica, entendida por "La Nación" no sentido de escola como um espaço de militância. Assemelha-se aos argumentos da *escola sem partido* no Brasil.

GESTO DE AMARRAÇÃO: Sentimento de opressão, excesso de controle sobre a educação.

2 Opinião

"*¿Qué publican los medios cuando la opinión no es pública?*" *Jornal La Nación*. 18 de nov. de 2020.

Sobre o que falam os meios quando a opinião é privada e limitada a grupos, descentralizadas das mídias de grande alcance.

GESTO DE INVERSÃO: recortes para inverter o significado da notícia e pensar em outras perguntas possíveis.

3 Repartir

"*La danza de la fortuna.*" *Jornal Página 12*. 19 de nov. de 2020.

Sobre a discussão da taxaço das grandes fortunas na Argentina.

GESTO DE REPARTIR: recortes com a imagem da notícia, gestuando uma distribuição dos recursos que são extremamente desiguais na América Latina.

4 Vermelho

"*Tres años del asesinato de Rafael Nahuel.*" *Jornal Página 12*. 25 de nov. de 2020.

Sobre o assassinato de Rafael Nahuel pelo Estado. Rafael era mapuche e o episódio aconteceu no ato de remoção da comunidade Lafken Winkul Mapu, demonstrando como o colonialismo ainda se mantém presente.

GESTO DE LUTO: sangue sobre a narrativa, sobre os mapuches, sobre as terras das populações indígenas.

5 Abrir Caminhos

"*En paz, Bolivia retoma la senda de la democracia.*" *Jornal Página 12*. 19 de nov. de 2020

Sobre as eleições na Bolívia, com a vitória de Luis Arce e a esperança de tempos melhores.

GESTO DE ESPERANÇA: Fogo com ervas abre caminhos, para simbolizar um respiro em tempos difíceis e emanar uma vontade, que a democracia abra espaço na América Latina.

6 Barco de brincar

"*El dramático caso de niños venezolanos expulsados al mar.*" *Jornal Clarín*. 25 de Nov. de 2020.

O governo de Trindade e Tobago lançam ao mar 16 menores Venezuelanos, entre eles um bebê, além de suas mães que haviam entrado ao seu país de forma ilegal.

GESTO DE BRINCAR: Transformação da notícia e da dor em barcos de papel, simbolizando um desejo, que essas crianças estivessem brincando e não sofrendo a violência de serem expulsos ao mar.

7 Esculturas

"*Modos de ser mujer y liberarse de las jaulas sociales: muestra en PROA.*" *Jornal Clarín*. 18 de nov. de 2020.

Sobre o trabalho de artistas mulheres que ressignificam a opressão.

GESTO DE ARTE: transformação dessas jaulas sociais em esculturas.

8 Regeneração

"*Incendios récord en la Argentina: 2020 ya es el año con más focos del siglo XXI.*" *Jornal Clarín*. 1 de nov. de 2020

Sobre os efeitos dos incêndios de grandes proporções na Argentina. O projeto colonialista também afeta o meio ambiente e deixa marcas permanentes sobre nossos ecossistemas.

GESTO DE REGENERAÇÃO: Esse gesto começa com o fogo e termina com a notícia, simulando um desejo de regeneração de nossas vegetações e ecossistemas.

As imagens a seguir ilustram a lista de gestos de transmutação de recortes de jornal em novas imagens, a partir dos afetos que as notícias geraram na subjetividade da autora.



AMÉRICA LATINA EM GESTOS



**GESTOS DE
TRANSMUTAÇÃO
FATOS | AFETOS**

1

| CONTROLE |

CORONAVIRUS | CONSECUENCIAS DE LA PANDEMIA

Los graves riesgos de tener la escuela tomada por el ideologismo combativo

OPINIÓN
Luciano Roman
POLÍTICA SINDICAL

Para entender el cierre indefinido de colegios, los miedos de adoctrinamiento y la docencia militante, tal vez haga falta asumir este dato: las escuelas —especialmente en la provincia de Buenos Aires— han sido cooptadas por un sindicalismo ideologizado y combativo, que cree más en luchar que en educar. Se ha apropiado del sistema ante la mirada impotente o cómplice del Estado. ¿Cuáles son las consecuencias? Una enseñanza cada vez más degradada, alumnos abandonados y una profesión docente muy desjerarquizada.

Ahora han batido un record histórico: mantuvieron las escuelas cerradas todo el año por cuarentena, sin discutir siquiera las trágicas consecuencias de una medida que no tiene antecedentes en el mundo. No volver a las aulas se convirtió en un acto de militancia. Cuando regresen —algún día— el sistema tendrá menos alumnos y menos docentes.

Todo este proceso ha disparado a niveles catastróficos los índices de deserción y ha provocado la pérdida de puestos docentes, además de acelerar el retiro de muchos maestros y profesores. Pero, además, cuando las escuelas reabran se encontrarán con alumnos que han perdido ritmo de estudio, han extraviado la disciplina escolar, han olvidado aprendizajes y hasta han sufrido regresiones. Se encontrarán, también, con docentes desbordados y desorientados después de un año sin ir a las escuelas.

Muchos costos ya empiezan a vislumbrarse, otros se verán con el tiempo. Pero tal vez sea necesario analizar la cultura sindical que late detrás de esta debacle educativa.

En la industria privada, los sindicatos tienen claro que "sin empresa no hay trabajadores". Por eso la buena práctica sindical cuida la figura

docente. Tácitamente, ha consentido la degradación salarial de los maestros a cambio de una menor exigencia profesional. Es un sindicalismo dispuesto a poner el grito en el cielo si se intenta acortar el receso, pero que hace silencio frente a la tragedia de la deserción escolar.

Es justo decir que las actuales conducciones gremiales no han nacido de un repollo. Son, en todo caso, los emergentes de una cultura que se ha arraigado en las comunidades educativas, en la que "el maestro" o "el profesor" han dado paso al "trabajador de la educación" o al "compañero docente". Pero son también la consecuencia de una ruptura que se ha producido entre la sociedad y la escuela, entre los docentes y las familias. Ante la falta de respaldo de los padres, muchos maestros han buscado el apoyo del sindicato.

La escuela se ha convertido en un lugar hostil, donde la conflictividad marca el tono de la convivencia, donde el docente —muchas veces es agredido, donde la maraña burocrática conspira contra la creatividad y

Tal vez sea necesario analizar la cultura sindical que late detrás de esta debacle educativa

Es justo decir que las actuales conducciones gremiales no han nacido de un repollo

La escuela se ha convertido en un lugar hostil donde la conflictividad marca el tono de la convivencia

poderoso que cualquier r de Educación. Y tal vez lo s

En los países que exhiben líderes de excelencia en la educación pública, como Finlandia, muchos docentes son un orgullo de ser actores prota de un modelo de calidad ya admirado en el mundo, entendido que la verdadera por una escuela pública va a ser respetada. No conciben al escindido de la educación.

Al menos en la provincia de Buenos Aires, el sindicalismo no tributa a la escuela pública a la "carpa blanca". No se una mera alegoría, sino el de una arquitectura id que no reivindica la educación "la lucha".

El principal dirigente de los docentes bonaerenses ejerció como maestro profesor. Eso no lo invalida líder sindical, pero quizá algo de la concepción que gremialismo docente. Co can algunos viejos man feudalismo sindical, llev al frente del sindicato, cu tico de reelección indefi tre "las bases", la obediencia más fuerte que el deb el espíritu crítico. Quizá la clave del rechazo que jerarquización docente tros de excelencia difícil sumarian al rebalño.

Esta concepción sindical educación hoy parece ha nizado a los ministerios de ción de la Nación y de la g de Buenos Aires. Un aceramiento sería designa tros los líderes gremiale siempre fue así bajo los g de este mismo signo poli

En 2012, nada menos apertura de sesiones ordi Congreso, la entonces p Cristina Kirchner repro tuid de los gremios docentó "los privilegios" de los "Trabajadores de la Educa





2

| OPINIÃO |



www.latinpost.com
@latinpost

DISCURSO Y ACTO. Lo que se dice en redes o encuestas no siempre es lo que se hace en el cuarto oscuro o en el hogar

Qué publican los medios cuando la opinión no es pública

Adriano Amado
PARA LA NACION

La idea de que el debate público es el único espacio donde se juega el destino de una nación es una ilusión. Lo que se dice en las redes o en las encuestas no siempre es lo que se hace en el cuarto oscuro o en el hogar. Que se manipulen su voto o la levante una encuesta hacia posiciones adversas es lo que en cada elección se discute y nada tiene que ver con lo que meditan, predicadas y consejos hablan al candidato. La brecha entre prensa, encuestas y elecciones electorales delata una pérdida de influencia de la política mediática en la opinión pública. O quizá, que la opinión dejó de ser pública.

que critica la prensa de referencia. Según un estudio de Pew Research, los grupos más subestimados en las encuestas electorales son los republicanos, porque el votante promedio está más predispuesto a participar en las redes sociales, tal como hicieron la mayoría de las celebridades globales.

Las opciones que no tienen buena prensa configuran lo que se llama el voto vergonzante (shy vote). Se registró en 2010 con los toros en Reino Unido, en 2008 y 2010 para republicanos en Estados Unidos y en Brasil con el voto a Bolsonaro en 2018. También en las dos últimas elecciones argentinas para la elección de Juntos por el Cambio que, con resultados dispersos, repitió el fenómeno de voto subestimado en las tendencias previas. En su conjunto, la idea de espíritu de silencio al expresarse una opinión, la que se trata de silenciar, es un concepto que no significa que no exista.

La hipótesis de la espiral del silencio fue desarrollada hacia los años ochenta por Elisabeth Noelle-Neumann, que planteó que la opinión pública era, esencialmente, lo que puede hacerse pública sin temor a represalias. La corrección política del progresismo tiene ese efecto paralizante de expresar una opinión

Qué sociedades son estas en que la discusión política se corrió de la prensa al mensaje directo, y la militancia prefiere la clandestinidad de las cuentas anónimas

y poder que "la ausencia de noticias sobre acontecimientos conocidos o la descarada manipulación de la información socava la capacidad de los medios para influir en el receptor, limitando así su relevancia en la política mediática". Así como la pérdida de silencio explica la pérdida de los medios para incidir en el comportamiento electoral, la falta de silencio con buena parte de la sociedad también explica la crítica de esos medios que no logran el sustento de una audiencia. La democracia sufrió el efecto colateral de una prensa que, al estar en la

confianza se concede. A este dilema entre lealtad y confianza responde la política de etiquetado de información no pectosa o políticamente operada que las redes establecieron en los últimos años para advertir a sus lectores que lo que ven a ver no ha sido verificado por medios de referencia. Twitter lo aplicó tanto al señalamiento de Trump como a la última noticia de la sociedad también explica la crítica de esos medios que no logran el sustento de una audiencia. La democracia sufrió el efecto colateral de una prensa que, al estar en la

Stephen Debar

3

| DISTRIBUIÇÃO |



19 | 11 | 2020
4 | 18 | 11:57
de este operador \$75
por hora. Valor: \$12
quay: \$40

Suplemento
Universidad

El Gobierno evalúa que el Aporte Extraordinario de las Grandes Fortunas será ley a principios de diciembre. Con holgada mayoría en el Senado, no necesita del apoyo de otros partidos para aprobarlo. Igualmente, la media sanción en Diputados contó con el respaldo de legisladores de casi todos los bloques opositores, incluidos dos de Juntos por el Cambio 2020

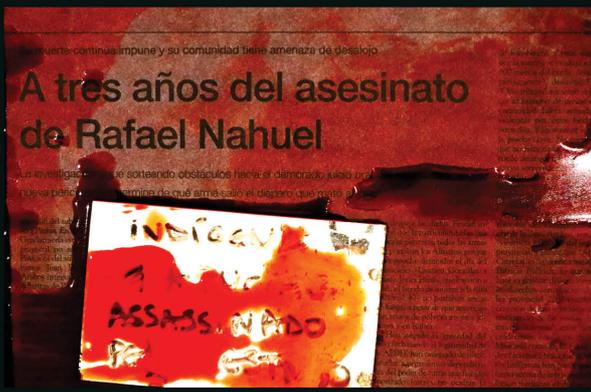
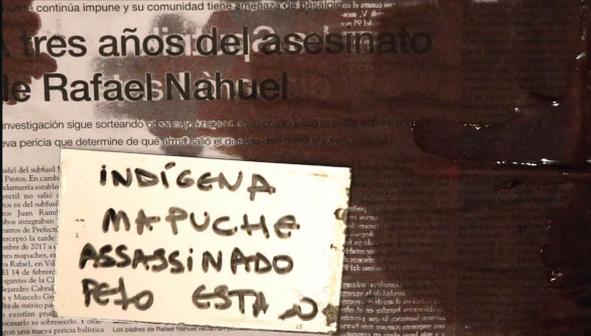
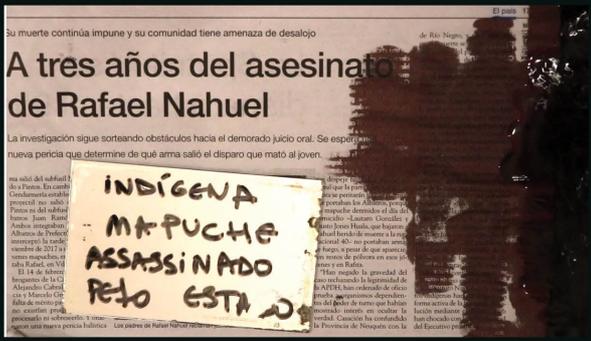
LA DANZA DE LA FORTUNA





4

| VERMELHO |



Su muerte continúa impune y su comunidad tiene amenaza de desalojo

A tres años del asesinato de Rafael Nahuel

La investigación sigue sorteando obstáculos hacia el demorado juicio oral. Se espera una nueva pericia que determine de qué arma saltó el disparo que mató al joven.

ma salió del subfusil MP5 asignado a Pintos. En cambio, peritos de Gendarmería establecieron que el proyectil no salió del arma de Pintos ni del subfusil MP5 del albatros Juan Ramón Obregón. Ambos integraban la patrulla de Albatros de Prefectura Naval que interceptó la tarde del 25 de noviembre de 2017 a un grupo de jóvenes mapuches, entre los que estaba Rafael, en Villa Mascardí.

El 14 de febrero los jueces subrogados de la Cámara de Roca, Alejandro Gabriel, Orlando Coscia y Marcelo Gómez, desmarcan la falta de interés para Pintos porque no existían pruebas como para procesarlo ni sobreseerlo. Y ordenaron una nueva pericia balística



Los padres de Rafael Nahuel reclaman justicia.

que despeje las dudas. Feald informó que la particularidad es que ahora se peritarán todos las armas que portaban los Albatros, porque los mapuche detenidos el día del homicidio -Lautaro González y Fausto Jones Huaila, que bajaron a Nahuel herido de muerte a la ruta nacional 40- no portaban armas de fuego, a pesar de que aparecieron restos de pólvora en esos jóvenes y en Barila.

"Han negado la gravedad del caso rechazando la legitimidad de la APDH, han ordenado de oficio prueba pericial dependientes del poder de turno que habían mostrado interés en ocultar la verdad. Casación ha confundido la Provincia de Neuquén con la

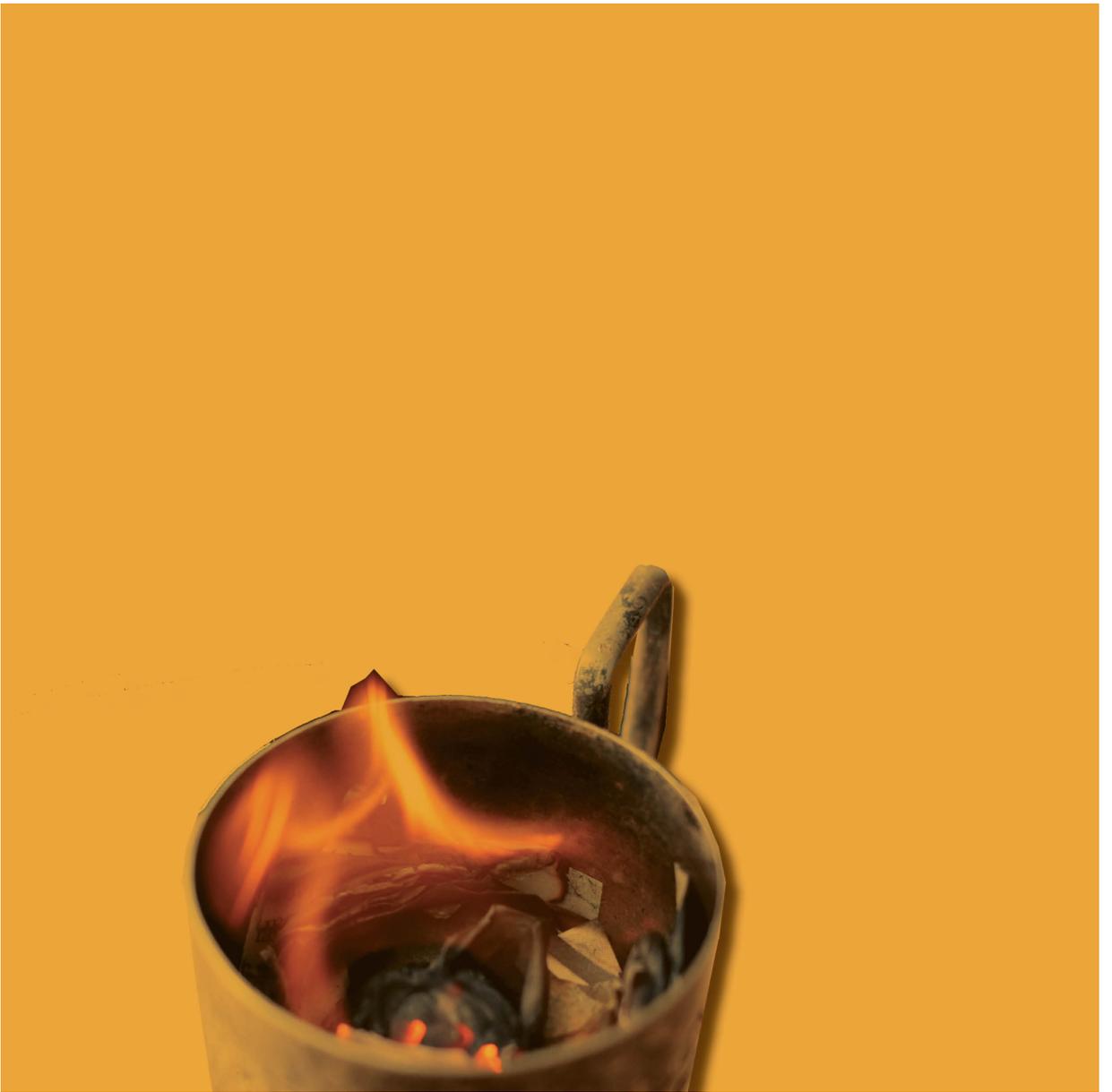
de Río Negro y peor aún, sabe que la muerte se produjo a más de 800 metros del predio desalojado previamente", describió Feald. "Otro tribunal aumentó el peritaje al extremo de pensar que la comunidad había actuado con violencia por otros hechos de otros días. Y finalmente se perdió la prueba clave. No puedo decir que no falta nada, pero tampoco puedo decir que falta porque seguro nos sorprenderán", expresó. Y recordó que se había extraviado la bala que mató a Nahuel, y que apareció poco antes del inicio de la pandemia.

Felisa Curamil, representante nacional del Parlamento Mapuche de la Zona Aridina, repudió la "violencia judicial" y del gobierno provincial, y afirmó que "Arabella Carretera es la reencarnación de Patricia Bullrich, lo que menos hace es generar diálogo y respetar los derechos constitucionales. La ley provincial 2287 establece la creación de una comisión de investigación de las ventas de tierras fraudulentas". En la zona resquecieron conflictos tanto en Mascardí como en El Foyel. Desde el Instituto Nacional de Asuntos Indígenas han participado en la formación de la búsqueda de justicia mediante el diálogo, pero han chocado con la inflexibilidad del Ejecutivo provincial.

MI
25
11
25
28

5

| ABRIR CAMINHOS |





6

| BARCO DE BRINCAR |



Exodo. Miles de venezolanos que huyen de su país por la crisis económica, la pobreza y la violencia suelen cruzar a la vecina Trinidad y Tobago. AFP

LA HUIDA DEL RÉGIMEN CHAVISTA

El dramático caso de niños migrantes venezolanos expulsados al mar

Son 16 chicos y algunas madres. Trinidad y Tobago los devolvió a Venezuela, pero no es claro su paradero.

Trinidad y Tobago se perdieron durante casi dos días en el mar. Los chicos que salieron de Venezuela aparentemente con sus padres fueron colocados el último domingo en dos botes por orden de las autoridades migratorias de Trinidad y To-

mos internacionales. El Parlamento opositor que dirige el diputado Juan Guaidó, considerado presidente interino por medio centenar de países, reclamó información sobre lo ocurrido. La demanda coincidió con una protesta de estudiantes ante la legis-

latura de las Naciones Unidas. Trinidad y Tobago es la cuarta frontera marítima de Venezuela, por donde los venezolanos más pobres emigran, huyendo de la crisis severa y el hambre, para buscar refugio. La acogida de la isla a migrantes no ha sido. Al todo, hondo la isla se a los pedi-

denuncias de prostitución, trata de drogas y delitos en torno a esta legión de desesperados que no han podido ser resueltos desde hace un año y medio, dijo a Clarín el diputado Carlos Valero.

El diputado David Sencindoff, ex alcalde del Hatillo en Caracas, fue quien despertó este domingo el alerta internacional sobre la desaparición de los 16 niños. Un día después, el diputado Omar González, de la organización Vozes de Venezuela que dirige la oposición María Corina Machado, anunció que los niños habían agredido, citando como fuente al periodista Francisco March.

El hombre de prensa había denunciado que "de personas de apariencia se realizó en botes sin registro y sin ningún tipo de identificación. Algo completamente irregular". March había tomado contacto con el grupo pe-

ro luego se perdió ese vínculo. Según el legislador González, los niños y sus madres fueron hallados en la barra Del Amancuro, pero allí debían regresar a Trinidad y Tobago por orden de una junta de ese país. La deportación se realizó justo en momentos en que se realizaba una audiencia judicial para solicitar la permanencia del grupo en la isla.

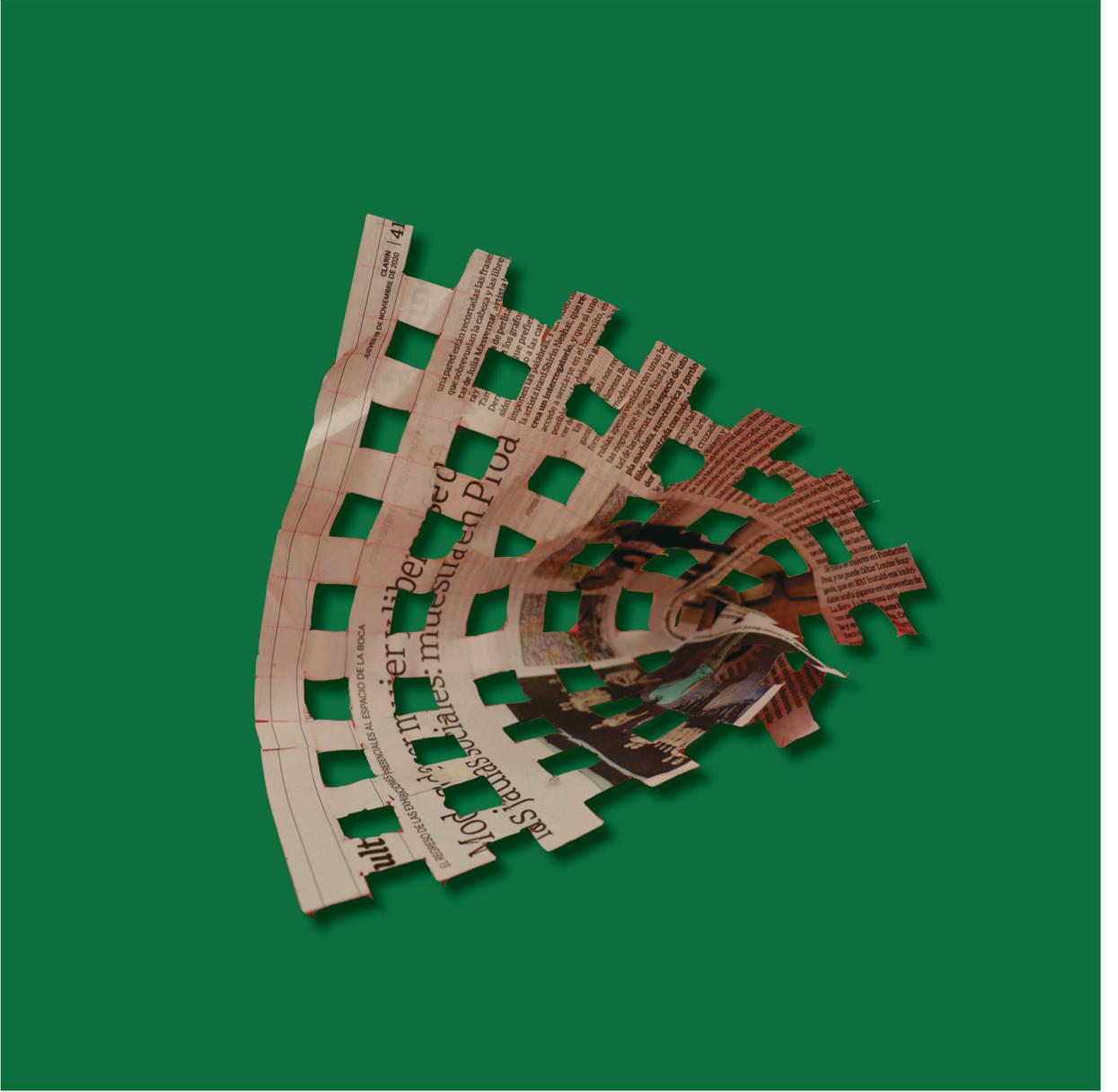
Las condiciones climáticas son muy malas y de alta la creciente precipitación. Más, a su vez, explicó que sus últimos contactos fueron "de más de cinco horas, desde La Barra, Delta Amacuro. Sin embargo, desde allí hasta tierra firme (en Trinidad) debe navegarse durante 4 o 5 horas, dependiendo de cómo se encuentre el clima". La Barra es una zona pelagosa con-





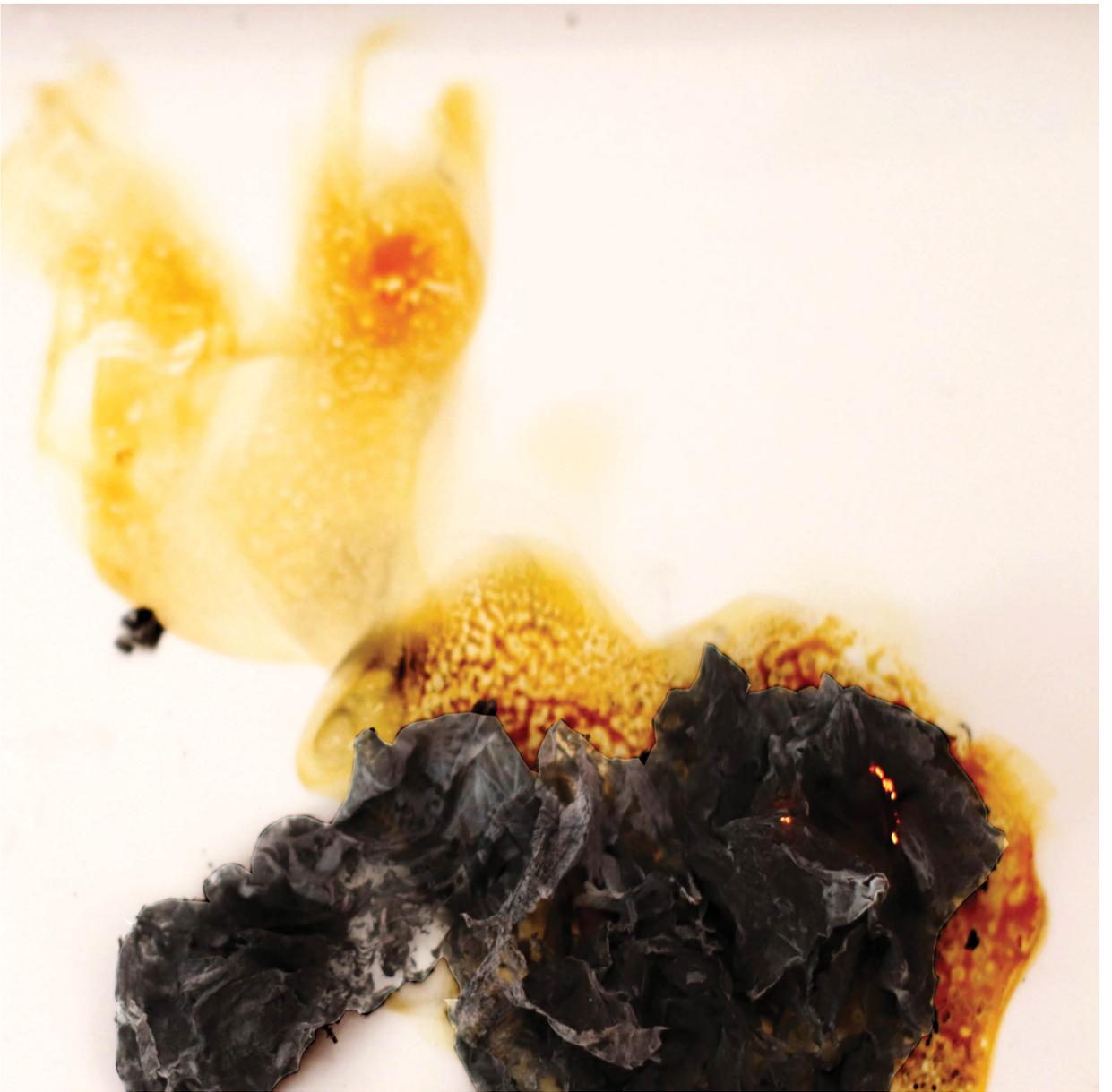
7

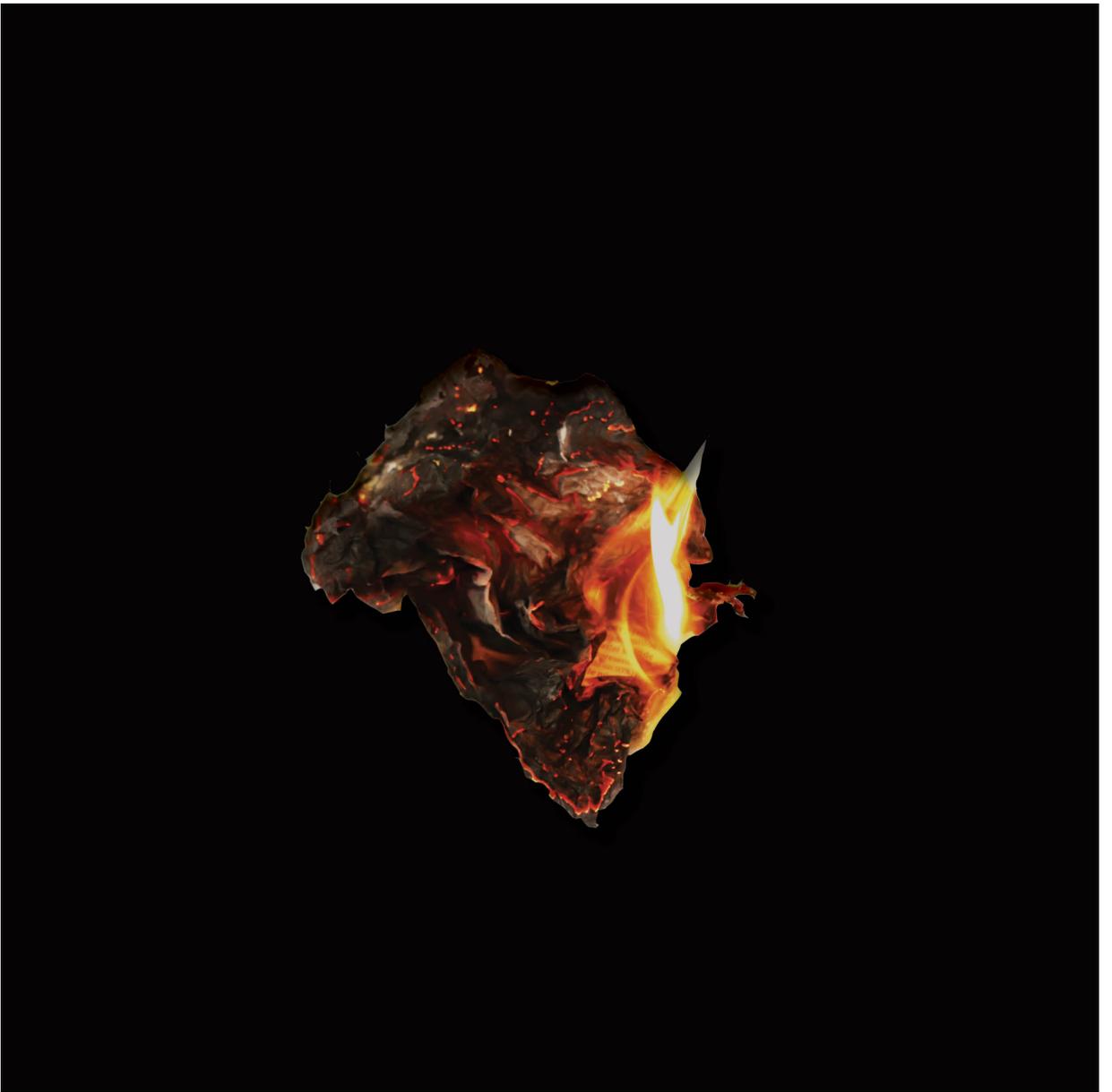
| ESCULTURA |



∞

| REGENERAÇÃO |







SOCIEDAD
Desastre ambiental • El fuego no da respiro

Incendios récord en la Argentina: 2020 ya es el año con más focos del Siglo XXI

Según datos del Instituto Nacional de Investigaciones Espaciales de Brasil, este año se superó la marca de 69.317 focos registrada en 2003. El 95% los inicia el hombre.

Boris Maguad
@borismaguad

En 2020, la Argentina comenzó el año con un récord de incendios. Con más de 69.317 focos registrados hasta el 7 de febrero, el país alcanzó el promedio de incendios por hectárea que se registra en los últimos veinte años. Analistas consideran que los incendios de este tipo son recurrentes y que hasta que se genere un cambio climático drástico, se seguirán repitiendo.

Los datos se desprenden de un estudio realizado por el Instituto Nacional de Investigaciones Espaciales de Brasil (INPE) que muestra que el promedio de focos por hectárea en el mundo es de 1,5. En Argentina, el promedio es de 1,5 por hectárea, lo que equivale a un promedio de 1,5 focos por hectárea. Este promedio se alcanza cuando se suman los focos que se registran en el mundo y se divide por el número de hectáreas que cubren los incendios.

El INPE, el organismo responsable de la recolección de datos de incendios en el mundo, registró en 2020 un récord de 69.317 focos, superando la marca de 69.317 focos registrada en 2003. El 95% de los focos registrados en 2020 fueron iniciados por el hombre, según los datos del INPE.

El INPE también registró un récord de 1.5 focos por hectárea, lo que equivale a un promedio de 1,5 focos por hectárea. Este promedio se alcanza cuando se suman los focos que se registran en el mundo y se divide por el número de hectáreas que cubren los incendios.

El INPE también registró un récord de 1.5 focos por hectárea, lo que equivale a un promedio de 1,5 focos por hectárea. Este promedio se alcanza cuando se suman los focos que se registran en el mundo y se divide por el número de hectáreas que cubren los incendios.



Desastre en Córdoba. Fue una de las provincias más afectadas por los incendios este año, según los datos del INPE.

. Samira Proêza | 2021